

“Ana min al-yahud”, de Almog Behar

“Ana min al-yahud”, by Almog Behar

Marian Gabani Gimenez*

Resumo: A obra de Almog Behar (nascido em 1978 em Netanya, Israel) faz parte de um fenômeno cultural e artístico na sociedade israelense que vê na língua árabe, e em outras línguas judaicas, e na história dos imigrantes oriundos do Oriente Médio e do Norte da África (mizrachitas e sefaraditas) uma forma de elaborar e compreender as inquietações identitárias de uma geração de israelenses nativos, netos e filhos desses imigrantes, que cresceram em um contexto de hegemonia asquenazita. O conto “Ana min al-yahud”, em tradução inédita ao português, é uma coleção e recriação de memórias de um narrador a partir do sotaque iraquiano de seu avô. A narrativa tem o mérito de levantar mais questões do que resolvê-las, revelando as contradições da identidade israelense.

Palavras-chave: Almog Behar. Identidade. Literatura Mizrachit. Literatura Israelense.

Abstract: The work of Almog Behar (born in 1978, in Netanya, Israel) belongs to a cultural and artistic trend in Israeli society that sees the recovery of both the Arabic language (and other minor Jewish languages) and the history of Middle-Eastern and North-African Jewish immigrants (Mizrachim and Sefaradim) as means of elaborating and understanding the identity anxieties of an Israel-born generation of children and grandchildren of those immigrants, which grew up in the context of Ashkenazi hegemony. In the short story “Ana min al-yahud”, here translated to Portuguese, the protagonist gathers and recreates his memories and recollections from his grandfather’s Iraqi accent. The narrative is quite successful in bringing up ever more questions rather than answering any of them, revealing the contradictions of Israeli identity.

Keywords: Almog Behar. Identity. Mizrahi Literature. Israeli Literature.

O percurso literário de Almog Behar (Netanya, 1978), assim como sua produção acadêmica, está inserido em uma tendência crescente na sociedade israelense de recuperação da memória sefaradita e oriental/mizrachita depois de décadas de hegemonia asquenazita, tendência essa que não se restringe à intelectualidade do país, mas tem ganhado muita força também, e talvez mais intensamente, na cultura popular e de massa. Nesse percurso cultural-arqueológico, a língua árabe é uma das questões centrais. Primeiro, há o fato de esta ser a língua hegemônica, em que pesem suas variações, do Oriente Médio, seja dos países vizinhos de

* Bacharelada em Letras (Hebraico) pela FFLCH-USP e mestranda em Estudos Judaicos na Indiana University, Bloomington. Email: <marian-gabani@hotmail.com>.

Israel, seja dos territórios palestinos e dos palestinos em território israelense. Segundo, grande parte dos imigrantes que chegaram ao Estado de Israel em suas primeiras três décadas eram falantes nativos de árabe, advindos tanto de países do Oriente Médio quanto do Magrebe. Se a geração dos filhos desses imigrantes passou por um processo de "israelização", de assimilação da cultura hegemônica do jovem Estado, seus netos, agora falantes nativos de hebraico e profundamente ligados à cultura israelense, buscam fazer o percurso contrário, questionando justamente esses processos assimilatórios pelos quais seus pais e avós passaram. "Ana min al-yahud" ("Eu sou [um] dos judeus" em árabe), conto que rendeu um prêmio literário do jornal *Haaretz* a Almog Behar em 2005, trabalha de forma inventiva as contradições e as limiaridades da identidade do israelense de origem oriental, cujas raízes o aproximam tanto do suposto inimigo e, ao mesmo tempo, inserem-no no contínuo histórico-cultural da região.

O narrador de "Ana min al-yahud" ajunta lampejos de uma memória (re)construída em uma narrativa fragmentária. A partir desses fragmentos, busca reescrever sua história (סיפור, *sipur*) diante de um inquietamento que parece nascer do confronto com a História (היסטוריה, *historya*). Uma História que parece aliená-lo, assim como à sua família – no entanto, e se Ela tivesse seguido por outro caminho? E se não houvera guerra de 1948 e ele caminhasse por entre os habitantes árabes, os sofisticados efêndis otomanos, nas ruas do lado mais ocidental de Jerusalém? Ora, não é da alçada da História, enquanto disciplina, explorar as infinitas possibilidades do "e se...". Cabe à arte experimentar cada uma das rachaduras dos discursos hegemônicos e das ideologias. Munido do sotaque iraquiano do avô desconhecido, o narrador caminha pelas limiaridades da sociedade israelense. Quando abordado por policiais por conta de sua aparência, seu falar levanta suspeitas, mas o narrador não encontra nenhum documento que comprove sua identidade. Em um contexto em que sua inocência – sabe-se lá de quê – depende mais de um "judeu" escrito campo "nacionalidade" (לאום, *leom*) de sua carteira de identidade do que da ausência de evidências em uma revista rigorosa e invasiva, questionam-se todos os pressupostos dessa visão monolítica de pertencimento étnico, nacional e, o que nos é mais relevante no estudo da literatura, linguístico.

A partir de uma experimentação narrativa que prescinde da univocidade da linearidade tradicional – "Não há término no final dessa história, e já não há antes da história, não há começo." – sem, no entanto, abrir mão do efeito cumulativo da justaposição de cenas de encontro, descoberta e confronto com as línguas do passado (e seus falantes), o narrador reproduz as tensões de uma sociedade que busca realocar seus membros em posições supostamente unívocas. Foram muitos os áyins suavizados, alguns, inclusive, pereceram no deserto, para que o hebraico fosse falado como "se deve falar" hebraico. E, entretanto, esse

hebraico falado com sotaque iraquiano (ou romeno, ou ladino) retorna com a força convulsionante de uma cultura que já avista seu fim. A “visita da Saúde antes da Morte”. Não há, de fato, uma esperança de que a cultura dos antepassados do narrador e dos que estão à sua volta seja recuperada, revivida e reintegrada à sociedade israelense. O verdadeiro avô Anwar sequer chegou a Jerusalém, e o que a cidade ouve é apenas um falar residual, algo que paira sem ter lugar na realidade.

Se, por um lado, os diretores dos departamentos, os guardiões do hebraico-como-se-deve-falar-hebraico, demonstram certo receio diante dessa epidemia, por outro, têm uma confiança inabalável na eficácia do aparato ideológico, que por décadas se ocupou de difundir um modelo muito bem delimitado do israelense falante de hebraico. Os falares antigos – ou não hegemônicos – são vistos pela companheira do narrador como um *dibuq* (דיבוק) que infecta (מדבק, *medabêq*) uma geração inteira de falantes nativos de hebraico. As vozes do passado encontram como única forma de manifestação a possessão desses indivíduos cuja maior transgressão talvez seja a recusa de um falar único, indicativo unívoco de uma identidade monolítica. O possuído torna-se, então, um campo de batalha entre a norma social e a própria força disruptiva do *dibuq*¹. Em “Ana min al-yahud”, como na maior parte das narrativas de *dibuqim*², a norma é vitoriosa, e o *dibuq*, silenciado.

“Ana min al-yahud”³, de Almog Behar

1.

Então minha língua se transformou, e, logo que chegou o mês de Tamuz, grudou em minha boca, fundo fundo na garganta, um sotaque árabe. Assim, enquanto caminhava na rua; e me voltou o sotaque iraquiano do avô Anwar, a paz esteja com ele. O quanto tentei arrancá-lo de dentro de mim e jogar na lata de lixo, sem sucesso. Tentei e tentei suavizar o *áyn*, suavizar o *áyn* como minha mãe fizera durante sua infância diante dos professores e dos colegas de escola, mas estranhos de passagem me enquadravam no meu lugar. Tentei suavizar o *hêt*, fazê-lo *khaf*, tentei afastar o *tsadiq* do *sâmech*, tentei sair desse *quf* iraquiano⁴, esforços em vão. Os

¹ Sobre o *dibuq*, ver ELIOR, Rachel. *Dybbuks and Jewish Women in Social History, Mysticism and Folklore*. Jerusalém: Urim, 2011. Principalmente o capítulo sobre exorcismo e reunião (p. 102-110).

² Plural de *dibuq*.

³ In BEHAR, Almog. *Ana min al-yahud*. Tel Aviv: Babel, 2008. p. 55-64. (Em hebraico).

⁴ A pronúncia diferenciada das letras hebraicas mencionadas são importantes marcadores sociolinguísticos. Por partilharem da mesma origem, muito da língua hebraica tem paralelo com a língua árabe, então é comum que os falantes de árabe pronunciem algumas letras hebraicas a partir dos fonemas do árabe. Por exemplo, o *áyn*, que hoje em dia não é mais pronunciado pela maior parte dos falantes israelenses de hebraico, costuma ser pronunciado

policiais começaram a passar por mim nas ruas de Jerusalém de forma agressiva, começaram a apontar com dedos ameaçadores a mim e à minha barba escura, começaram a cochichar entre eles nas viaturas, começaram a me parar, exigindo nome e identidade. Perante todos os policiais que passassem na rua, eu queria interromper minha caminhada, sacar meu documento de identidade, apontar o campo nacionalidade e dizer, como se contasse um segredo que me absolveria de toda culpa: "ana min al-yahud, ana min al-yahud"⁵.

Mas de repente sumiu minha carteira de identidade, justamente quando mais precisava. E os policiais me paravam tarde após tarde, manhã após manhã, quando em minha carteira não havia documento que me protegesse. Mais tarde, encontrei minha identidade embolada entre duas cédulas, ou, no bolso externo da carteira, achei minha carta de motorista, como se a tivesse tirado sei lá para o quê. Ou então em minha mochila, no meio de documentos, estava escondido meu certificado de reservista, como se o tivesse esquecido ali por acaso. Mas quando os policiais me pararam, não encontrei sequer um documento que pudesse lhes contar sobre o meu passado ou meu futuro. E então eu comecei os telefonemas, falando ao policial: "veja bem, desde ontem que meu sotaque ficou árabe assim, assim desse jeito, e não é nem palestino, é iraquiano, e você tampouco me parece um falante nativo de iídiche, talvez tenha aprendido fora de casa, talvez até seu avô tivesse um sotaque como o meu, e, ouça, vou ligar para uns amigos, uns amigos meus, você vai ouvir cada sotaque bonito o deles!, hebraico como se deve falar hebraico, sem nenhum sotaque, e, se eles são meus amigos, então o que sou eu?!"

Mas meus amigos asquenazitas⁶ sequer me responderam, não escutaram o toque do telefone, e somente mais tarde ou no dia seguinte me retornaram a ligação, perguntando o que eu queria e não reconhecendo minha voz. E eu continuava sozinho diante do policial, agora ligando para amigos alepinos e tripolitanos e tunisianos, pensando "quanto a esses, talvez o hebraico deles não seja perfeito, não tão limpo, não como o hebraico deve ser, mas, de qualquer forma, muito melhor que o meu". E eles me responderam de imediato, não demoraram para ouvir o toque do telefone, e de repente também eles tinham um sotaque tão, mas tão pesado, e ao fundo se ouvia um alaúde rolando ou um qanun⁷ teimoso, e eles me cumprimentaram "ahlan bik", e me chamaram "yah habibi", e me perguntaram "ashlonak", e se despediram com

por falantes de árabe. *Hêt* e *khaf*, embora historicamente representem fonemas distintos, que se mantiveram em árabe, não são diferenciados por maior parte dos falantes de hebraico moderno. O mesmo ocorre com o *quf*. Já o *tsadiq* hebraico se diferencia do *tsadiq* árabe, que, por sua vez, é mais próximo do *sâmech* hebraico.

⁵ "Eu sou um dos judeus, eu sou um dos judeus", em árabe.

⁶ Judeus de origem centro e leste-europeia.

⁷ Instrumento de cordas, semelhante à cítara.

“salamtak”, e o que podiam fazer os policiais, como iriam acreditar, depois que todos os meus amigos haviam me abandonado assim, que sou filho de Israel e não de Ismael?

E então me revistaram lentamente, apalpam minhas roupas, passando com o detector de metais por sobre todo meu corpo, me despiram com um profundo silêncio de palavras e pensamentos, procuraram, nas camadas encobertas da minha pele, meu rancor, buscando por um cinto explosivo, um cinto explosivo no meu coração, contentes em neutralizar qualquer objeto suspeito. Quando os policiais se ocuparam de mim em pares e realizaram seus procedimentos algumas vezes, um disse ao outro “veja, é circuncidado. É mesmo judeu esse árabe aqui”, e o outro respondeu “árabe também é circuncidado, e pouco importa a circuncisão a um cinto explosivo”, e continuaram a busca. Na verdade, no momento em que lhes entreguei meu corpo, um cinto explosivo nasceu em meu coração, intumescendo-se e recusando-se ser neutralizado, estrondoso, estrondoso. Mas, como não era feito de metal ou pólvora, passou despercebido pelos eficientes detectores bem calibrados.

Ao final, quando os policiais me deixaram livre, mas não inocentado, continuei meu caminho, descendo a Markus em direção ao teatro de Jerusalém, passando pelo belo prédio do consulado belga e pela praça da rua Jabotinsky. Esperava assistir a um filme americano multi-premiado, mas não havia cinema algum ao final da rua, e não havia rua Markus, mas uma rua com um nome árabe, as casas pareciam árabes, assim como o consulado belga, as pessoas nos jardins, famílias e mais famílias, todos árabes, não apenas os jovens da construção civil, não apenas os garis e pedreiros.

2.

Andei pelas ruas de Katamon, pelas ruas de Talbye, pelas ruas de Baka, e, em lugar dos ricos de Jerusalém entrando em suas casas espaçosas, em lugar das placas em que se lia “Kovshei Katamon” e “Yordei HaSira”, vi novamente os ricos da Palestina, e estavam lá como estiveram antes da Guerra de 48, como se não houvera Guerra de 48. Eu os vejo, e eles caminham por entre árvores, colhendo frutas como se os jornais não os tivessem avisado que as árvores haviam sido arrancadas, porque a região se encheria de refugiados. Foi como se outra história houvesse passado no tempo, e me lembrei de quando perguntei à minha mãe por que precisávamos tanto falar sobre história, chega de história, estamos fartos de história, porque essa tal de história me acorrenta, acorrenta você, não deixa nada para mim, não deixa nada para você.

Estávamos envolvidos de tal forma por nossa história, envolvidos e envoltos, e pronto, agora ela segue por outro caminho. Eu caminhava pelas ruas dos ricos da Palestina pensando que talvez eles fossem me falar com respeito, não como os policiais, tinha a esperança de dizer a eles que lera sobre o escritor e educador Khalil Al-Sakakini⁸, e queria fazer amizade com seus netos, caminhei por entre eles, me aproximei dos jardins e não consegui me enturmar com eles, porque à minha disposição havia apenas o hebraico em sotaque árabe, e quanto ao meu árabe, que não vinha de casa, mas do exército, de repente meu árabe emudeceu, sufocado na garganta, amaldiçoando a si mesmo sem expelir palavra, adormecido no ar sufocante dos bunkers da minha alma, escondendo-se dos familiares por detrás das persianas do hebraico. Toda vez que tentei falar com eles no pouco e truncado árabe que sabia, me saía um hebraico com sotaque árabe, talvez pensassem que eu estava zombando deles, e, não fosse pelo sotaque tão iraquiano, não fosse isso, teriam certeza de que eu zombava deles.

Mas o sotaque assim os desorientou, pensaram que talvez eu estivesse zombando dos iraquianos, de Sadam Houssein, ou talvez de algum antigo iraquiano, cujo sotaque permanecera, mas cuja língua fora esquecida. Não fiz amigos ali, a despeito de minha vontade. Lembrei de ter ouvido certa vez um tio meu dizer sobre os árabes das vizinhanças ricas de Jerusalém, os efêndis⁹, esses que andam em ternos ocidentais e fez¹⁰ na cabeça. Eu ouvira, então, a palavra efêndi com um desdém, embora agora lembrasse que ele não falara assim. Ouvi nela um desdém como se eu fora um membro do Palmach¹¹ em sandálias e bermuda zombando dos donos das terras árabes e louvando seu socialismo sagrado, seu e de todos os sionistas. “Aqueles são efêndis”, dizia meu tio, falava com respeito, mas a língua deles me desapareceu e eles não conheciam a minha, e entre nós ficou a distância das polícias e das gerações.

No meu caminho de volta para casa, apenas os motoristas de ônibus recebiam bem meu sotaque, sabendo que não se deve reparar no sotaque do passageiro que entrasse num ônibus em Jerusalém. Meu coração não percebeu que eu havia voltado a ele, não percebeu, e meus medos não perceberam que eles haviam voltado a mim, não perceberam.

3.

⁸ Educador e nacionalista árabe, nascido em Jerusalém (1878 – 1953).

⁹ Título honorífico turco-otomano.

¹⁰ Chapéu cilíndrico de feltro, geralmente de cor vermelha, muito popular no período otomano.

¹¹ Força de combate da Haganá criada durante o Mandato Britânico da Palestina e incorporada ao exército nacional após a formação do Estado de Israel.

Então minha voz se transformou na voz de meu avô, e de repente essas ruas, que já se haviam acostumado tanto com sua morte e com seu sumiço e sua ausência, voltaram a ouvir a voz dele. E essa voz, tão bonita, que estava enjaulada em meu passado judeu, saía de mim, mas não como quem pede esmolas ou como quem implora por migalhas, mas como minha própria voz, minha voz em claro e bom tom. E as ruas de Jerusalém, já tão acostumadas com meu silêncio, com nosso silêncio, se incomodaram com o falatório, e calavam a voz, calavam-na pouco a pouco, dizendo-lhe “cuidado!”, e diziam-me “cuidado”, e diziam-lhe “você é estrangeira”, diziam-me “o seu silêncio lhe basta”. E, apesar dos meus medos, apesar dessa minha voz estrangeira, distante de mim por duas gerações de esquecimento, todas as palavras me saíam nesse sotaque, e não pude aguentar o silêncio, porque havia em mim um falar que ansiava por sair, as palavras se transformavam em mim, saindo-me do fundo da garganta. Quem não me conhecesse talvez dissesse que sou um neto diligente, sem saber o quanto empilhei deslembração sobre lembrança por anos a fio, sem sequer desconfiar que minhas memórias se turvaram e que já há muito, muito tempo meus lábios não se conectavam com meu avô.

Quando voltei para casa, depois de sair pelas ruas pela primeira vez com meu sotaque novo e de ter meu corpo esquadriado pelos policiais, minha companheira se surpreendeu com minha voz e, enquanto falava comigo, aconselhando-me que deixasse disso, foi tomada pelo mesmo que me afetava, e seus lábios se conectaram com um emaranhado do sotaque árabe iemenita do avô com o judeo-espanhol de Istambul da mãe. Passados alguns dias, voltou do trabalho relatando os temores entre os departamentos, uma pequena epidemia já se espalhara entre seus colegas de escritório, e lhes saíam sotaques antigos que há muito esperava-se estarem extintos. Uma pequena nota à margem de um jornal importante revelava que os chefes de segurança mapeavam quem havia sido contaminado por quem com esses sotaques proibidos, já discutiam uma forma de lhes impor meio século de educação exitosa, já temiam que o país se enchesse de árabes, muitos e muitos árabes. Decidiram, por isso, reforçar as rádios com locutores donos de um hebraico puríssimo e nos garantir que nosso falar era definitivamente estrangeiro.

“Daqui a pouco”, explicava minha companheira com a voz oscilante, ora subindo ao estreito de Bósforo, ora descendo ao golfo de Aden, “esse *dibuq* pega também os asquenazitas”. Com eles as mudanças serão mais lentas, previu ela, porque seus filhos se convenceram de que o sotaque de seus pais e dos pais de seus pais é, em sua origem, americano. Entre eles, as memórias dos falares antigos são ainda mais escassas. Mas logo se ouvirão novamente por essas ruas o sotaque polonês, o húngaro, o romeno, o alemão, o ucraniano, e então as

autoridades se preocuparão ainda mais com segurança pública, temendo não encontrar locutores para os exércitos das rádios, nem professores de escola primária com o sotaque adequado para ensinar nossas crianças.

E, apesar de suas profecias a respeito de um grande onda de mudanças, meus pais se opuseram a mim e a essa epidemia, lembrando quantos anos de esforços investiram em um sotaque limpo, sugerindo que eu deixasse isso de lado de uma vez por todas, lembrando-me dos meus planos de estudar. E me perguntaram o que eu poderia ter feito, como eu poderia encobrir essa saudade, uma saudade que habitava uma voz que me era tão estrangeira, e eu me lamentei e me desculpei porque, embora ela saísse de mim, não conseguia simplesmente impedi-la – dentro de mim não há barricadas, e ela não tem freios. “Se continuar falando assim como lhe sai, estará cada vez mais longe das bolsas de estudo”, disse meu pai, e ele tinha mesmo razão, “se não voltar a falar dessa nossa forma simples, o que será de você?”, disse minha mãe, e tinha mesmo razão. Em todas as entrevistas, todos os professores e professoras questionavam meu sotaque, pedindo que eu encontrasse um outro falar, algo mais universitário, embora as palavras sejam quase as mesmas, talvez um pouco mais emperradas. “O que vai ser de você falando assim?”, apelavam meus pais, o que eu poderia fazer, e eles preocupados com meu futuro, mas nem a tranquilidade arruinada do meu coração, nem as pedras despedaçadas do meu coração, nem as pontas afiadas do meu coração conseguiram me livrar desse decreto.

Mas nesses dias em que meus pais se preocupavam, meus ouvidos não estavam abertos às palavras deles, minha língua se ensurdeceu, o sotaque deles se tornou estrangeiro, distante para mim, e me deleitei com a passagem das luas, as profecias de minha companheira se realizando, as ruas de Jerusalém se transformando, apenas meus pais permaneceram solitários e imutáveis. E revelei aos ouvidos de minha companheira que havia começado a escrever minhas histórias em caracteres árabes, e as pessoas importantes dos departamentos ficariam ainda mais chocadas. Dias depois ela voltou para casa contando que os chefes dos departamentos riram de mim, dizendo “que escreva assim, escreva histórias que apenas ele consegue ler, nem seus pais nem seus filhos as lerão, tampouco nossos filhos correrão esse perigo, e nós lhe concederemos, se ele se inscrever, todos os prêmios nacionais de literatura árabe sem que tenhamos lido uma palavra sequer de seus livros”.

Naturalmente, os chefes dos departamentos estavam corretos, e minha companheira passou a profetizar sobre a realidade em provérbios ladinos me dizendo “esse era o provérbio que minha mãe costumava usar, não sei como ela o dizia em sua língua, mas lembro de como o falava”. “Essa é a última visita da Saúde antes da Morte”, sussurrava, então, interpretava, esses são os espasmos do moribundo, não a ressurreição dos mortos, e o alto escalão dos

departamentos já o sabe, e decidiu que não há com o que se preocupar – todo trabalho será feito em hebraico correto, cada um terá como prioridade sua fonte de renda, suas finanças pessoais, as necessidades de sua família, e o hebraico voltará ao normal, como se nunca houvera epidemia.

4.

Meu coração passou a enviar sinais por minhas vozes, dizendo essa é minha voz, essa não é minha voz, esse é o *lamed* que sai de minha boca, e esse é um *quf* estrangeiro, estrangeiro ao meu coração. Eu diminuía o ritmo dos meus pensamentos a fim de pensar, pensar também sobre meus pensamentos, não apenas pensar pensamentos, mas eu não tinha tempo e lançava palavras ao vento como o sal do mar, que certamente não havia sido lançado ali por homem algum. Meu avô falou comigo, perguntando-me em minha voz, por acaso tem um fim essa história? Em que essa minha história interfere na sua? Como foi que vim acabar com a sua vida? Eu sou a geração do deserto, por que você vem me reviver? Você é a geração que esperávamos que apagasse as diferenças entre o nosso passado e o passado de nossos professores, porque nosso passado já nos doeu bastante. Eu fiquei no deserto como presa para aves de rapina por você, para que não se lembrasse de mim, para que não lhe doesse como a nós, mas eis que seus dentes mordem novamente minhas palavras, e onde, outros distritos de Jerusalém, não há casas de chá, não há o Tigre cortando a cidade por misericórdia, mas eu não me deparei com minha morte em Jerusalém, nem em minha cidade natal. Eu morri no deserto entre elas, um imenso deserto de silêncio.

Construa anexos em seu coração, meu neto, faça deles compartimentos e mais compartimentos, me acomode no mais escondido e viva nos que restarem. Ou se mude para o compartimento do silêncio, pois as mudanças que você pensa estarem acontecendo são bem simples. Se outro sotaque for falado, o que muda? Por acaso vou eu viver outra vez? Viverá você essa minha nova vida? Chega das ruas, vá até seus pais, meu sotaque não os convencerá, eles já o conhecem e insurgiram-se em milhares de revoltas. Talvez o silêncio traga o presente medo do passado e do futuro aos seus corações. Por que não lhes mostra sua história? Talvez assim despertem, disse meu avô do meio dos mortos quase me fazendo jurar.

Passei a medir meus silêncios, esse é o silêncio de um dia, esse é o silêncio de uma semana, esse é o silêncio de um mês bem enquadrado nas paredes de casa, e não há uma boca aberta, não há uma janela aberta, e o ar não entra, não chegam imagens do profano, muito menos do sagrado, não se tira nem se põe nada. Tudo é a voz dos meus silêncios, meus silêncios

são muitas palavras, muitas palavras silenciadas. Não sou nem venho a ser. Não há término no final desta história, e já não há antes da história, não há começo.

Calei-me por mais e mais tempo, até que meus pais dissessem fale, como vai conseguir a bolsa de estudos se não falar? Como prosseguirá os estudos e o que vai ser da sua vida, e seus sorrisos, onde se escondem?, fale, fale em qualquer sotaque, porque o medo do silêncio caiu sobre nós.

5.

O Tigre não corta Jerusalém, e seu murmúrio não silencia as fronteiras erguidas entre nós, as barreiras que me separam de mim mesmo, não estou lá nem cá, nem no leste nem no oeste, nem no leste ocidental nem no oeste oriental, esta não é minha voz no presente, nem as vozes do meu passado, o que será ao final? Mudo, eu caminho pelas ruas, e também um pouco surdo. Agora apenas o meu semblante incomoda os policiais, apenas minha barba espessa e minha teimosia em não emitir palavra sequer da minha boca, o mês de Tamuz novamente mingando dentro de mim, e, apesar do calor, me enrolo em casacos, ocultando o cinto explosivo do meu coração. Assim, devido à lealdade dos policiais à sua missão, sou levado a um centro de detenção, e meus pais atrás de mim, vendo aonde seu filho é conduzido.

Eu me calo diante de meus pais, e como eles reagirão, eu me calo diante de meus pais e lhes entrego todas as histórias que havia escondido deles, como se dissesse toma, aqui escrevi sobre você, mãe, e aqui sobre você, pai. Aqui, escrevo poesia de protesto contra o hebraico em hebraico, sugeri mais intensamente, porque não tenho outra língua em que escrever. De tanta vergonha, vocês não me legaram nada. O agora me interdita a poesia enquanto se amontoam em mim, montes e montes, e se amontoam também em vocês. A língua que se tornou minha língua me ordenou que eu jorrasse por ela, que me fizesse o oco de uma flauta para seu sopro até que emitíssemos juntos um único som e nos fundíssemos em um *nay*¹² rouco. Nos disfarçaremos de uma outra voz, ausente. Trata-se da mesma história outra vez, quantas histórias eu tenho, mãe, pai, quantas histórias uma pessoa tem? Ela tenta contar a mesma história toda vez com uma ou outra palavra diferente, toda vez tentando decifrar mais um pouco a mesma história indecifrável. Acaso vocês não reconhecem aí suas próprias histórias? E, no entanto, o silêncio de vocês me conta algo. Vejam, tentei escrever a história com sotaque árabe, mas o que saiu disso? Vejam onde nos encontramos. Peguem, leiam minha história, mãe, pai, leiam todas as minhas histórias que escondi de vocês por tantos anos, afinal vocês são a mesma

¹² Flauta árabe.

diáspora, o mesmo silêncio, a mesma alienação entre coração e corpo, entre pensamento e fala. Talvez assim saberão o desenlace da narrativa.

Meus pais, o primeiro discurso: a recusa. Meu pai disse esse não é nosso filho, essa barba não fomos nós que criamos, minha mãe disse, e onde, nós não temos um sotaque assim, disseram em uníssono aos oficiais, ele não tem de onde herdar esse sotaque, não dos parentes próximos, seu avô Anwar morreu antes que ele nascesse, não o nosso filho. No segundo discurso, insinuaram: se não fizeres o bem, voltamos para casa desse centro de detenção decepcionados por gerações, mas se fizeres o bem, deixando de histórias, dessa história, desse falar e desse silêncio, e falar conosco em nossa língua, ficaremos aqui com você até que seja julgado e liberto, até que sejamos todos nós julgados. Meus pais não sabiam que eu havia retornado ao coração deles, não sabiam, não sabiam que todos os seus temores tinham retornado a mim, não sabiam.